

# A origem de Baal

## *The Origin of Baal*

José Ademar Kaefer<sup>[a]</sup> 

Curitiba, PR, Brasil

<sup>[a]</sup> Pontifícia Universidade Católica do Paraná

**Como citar:** KAEFER, José Ademar. The Origin of Baal. *Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral*, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 16, n. 03, p. 395-408, set./dez. 2024. DOI: <http://doi.org/10.7213/2175-1838.16.003.DS01.VBR>

### Resumo

A origem de Baal é complexa. A análise de artefatos arqueológicos e epigráficos aponta para a Alta Mesopotâmia, alinhado aos Deuses do “tempo”. Aponta, especificamente, para Alepo, a casa mãe do Deus Hadu. Desde Alepo, durante o Bronze Médio e Tardio, o culto a Hadu se expandiu para todo o Levante. Na Baixa Mesopotâmia sob a nomenclatura de Haddu, Hadda, Hadad, Addu e Adad. Na costa Siro-palestinese, em meados do segundo milênio AEC, Hadu é cultuado, inicialmente, com o epíteto “Baal”, Baal-Hadu. Mas, logo, o epíteto acabaria por substituir a divindade. Hadu passa a ser Baal. E dali, do norte da costa, especificamente de Ugarit, o culto ao “novo” Deus Baal se propaga rapidamente e vai recebendo novos “adendos”. Na Fenícia será cultuado como Baalsamen e Baal-Melkart; mais ao sul, em Ecron, como Baal-Zebub; no Egito, como Baal-Seth; em Siquém, como Baal-Berith; em Israel e Judá, como Baal.

**Palavras-chave:** Baal. Hadu. Alepo. Baal-Seth. Baalsamem.

<sup>[a]</sup> Doctor in Sacred Scriptures from the Westfälischen Wilhelms-Universität Münster, Germany; Postdoctoral internship at the Department of Archaeology at Tel Aviv University, Israel, e-mail: [jose.kaefer@pucpr.br](mailto:jose.kaefer@pucpr.br)

## **Abstract**

*The origin of Baal is complex. Analysis of archaeological and epigraphic artifacts points to Upper Mesopotamia aligned with the Gods of Weather. It specifically points to Aleppo, the motherland of the God Hadu. From Aleppo, during the Middle and Late Bronze Ages, the cult of Hadu expanded to the entire Levant. In Lower Mesopotamia under the nomenclature of Haddu, Hadda, Hadad, Addu and Adad. On the Syro-palestinian coast, in the middle of the second millennium B.C.E., Hadu is worshipped, initially, with the epithet "Baal," Baal-Hadu. Soon, the epithet would replace the Deity. Hadu becomes Baal. And from there, from the north of the coast, specifically from Ugarit, the cult of the "new" God Baal spreads rapidly and receives new "addenda". In Phoenicia he will be worshipped as Baalsamen and Baal-Melkart; farther south, in Ekron, as Baal-Zebub; in Egypt, as Baal-Seth; in Shechem, as Baal-Berith; in Israel and Judah, as Baal.*

**Keywords:** *Baal. Hadu. Aleppo. Baal-Seth. Baalsamem.*

---

## Introdução

Este artigo visa apenas iniciar um debate nos círculos de pesquisa bíblica da América Latina e Caribe, pois o assunto é tão amplo e complexo que seria muita soberba querer chegar ao limite do objeto em questão. Portanto, o debate está posto.<sup>1</sup>

Sempre chamou a atenção da pesquisa o fato da grande presença de Baal na Bíblia. Por que esta presença? O que levou os autores/editores dos textos bíblicos mencionarem tantas vezes Baal? Em geral, Baal tem sido interpretado como o adversário de Javé, como aquele que desvia o povo de Deus do caminho. Porém, com as descobertas arqueológicas de um grande número de artefatos, estelas, ôstracos, selos etc., que revelam a ampla presença do culto a Baal, não só em Israel e Judá, mas também em todo o Levante, começou-se a ter outra visão de Baal. Para tanto contribuíram essencialmente as descobertas dos tabletes de Ugarit (Rash-Shamra), a partir das escavações 1929. A literatura de Ugarit descortinou ao mundo uma sociedade construída em torno ao culto a Baal. Ela revelou que a cultura de Ugarit precedeu a cultura israelita e, portanto, influenciou-a enormemente. Ou seja, ela deixou evidente que a matriz da cultura israelita se encontra em Ugarit. Poderíamos dizer em palavras mais claras, de que o Antigo Testamento do Antigo Testamento se encontra na literatura ugarítica, que tem como base do seu horizonte religioso a Baal. Uma vez assimilado isso, surge outra pergunta. Ou seja, a velha máxima se impõe novamente: a resposta a uma pergunta abre a porta a novas perguntas. E a principal delas é: se a matriz cultural de Israel está em Ugarit, de onde, então, vem a cultura de Ugarit? Qual é a origem de Baal? É com a resposta a esta pergunta que se ocupará a presente pesquisa.

## O templo de Baal em Pella

Em 2014, numa expedição de estudos aos sítios arqueológicos da Jordânia, um dos sítios em nossa lista de visita era Pella (*Tabaqat Fahl*), que fica a cerca de 2 km em linha reta a leste do rio Jordão, 10 km de Betsã e 85 km a nordeste de Jerusalém. Nosso objetivo principal era conhecer o sítio que, segundo uma corrente de pesquisa, teria sido a cidade para onde muitos judaítas teriam fugido durante a guerra judaica de 66-73 EC, entre eles os cristãos da comunidade de Marcos (cf. Mc 13,14-21; Lc 21,20-24; Mt 24,15-25). Talvez por esta razão, a cidade foi marcada por uma forte presença de cristãos durante o período bizantino (330-1453). Muitas e grandes igrejas foram construídas neste período em Pella, das quais, alguns restos ainda se encontram de pé (Kaefer, p. 2016, p. 49-55). Nosso foco era exatamente conhecer estas igrejas. Porém, ao chegarmos ao sítio fomos surpreendidos por uma enorme escavação de três impressionantes templos sobrepostos: do Bronze Médio (2200-1550), do Bronze Tardio (1550-1150) e do Ferro I (1150-900). Chamou-nos a atenção e certamente também dos arqueólogos, o tamanho dos dois primeiros templos sobrepostos (o do Bronze Médio e o do Bronze Tardio), nada menos que 32 metros de comprimento por 24 metros de largura. Era um templo-fortaleza, com largos muros de adobe, talvez o maior já encontrado na região. Perguntávamo-nos, então, a que Deus estes templos teriam sido dedicados.

<sup>1</sup> Agradeço a Silas Klein Cardoso pelo auxílio na busca por referências bibliográficas.

**Figura 1** – Templo de Pella



Fonte: autor (2024).

Alguns anos depois, voltando a pesquisar sobre Pella e lendo o relatório dos arqueólogos (Bourke, 2004, p. 1-31), tive a grata surpresa de que na segunda e terceira fases, o templo era dedicado a Baal. Vejamos resumidamente alguns tópicos do relatório.

O templo foi escavado nas expedições de 1994-2001 pela missão australiana de arqueologia de Sidney, sob a coordenação do arqueólogo Stephen Bourke, em conjunto com o Departamento de Antiguidades do governo jordaniano. A conclusão dos arqueólogos foi de que o templo fora construído por volta do século XIX AEC e continuamente restaurado. A primeira fase do templo foi situada entre os anos 1800-1450; a segunda fase, entre os anos 1450-1000; a terceira fase, entre os anos 1000-800, período este em que o templo foi diminuído. Por volta do ano 800, a cidade de Pella foi destruída e o templo não mais reconstruído. A posição do templo estava orientada em direção nordeste, o que aponta para o nascer do Sol no verão (Polcaro *et al.*, 2013, p. 485).

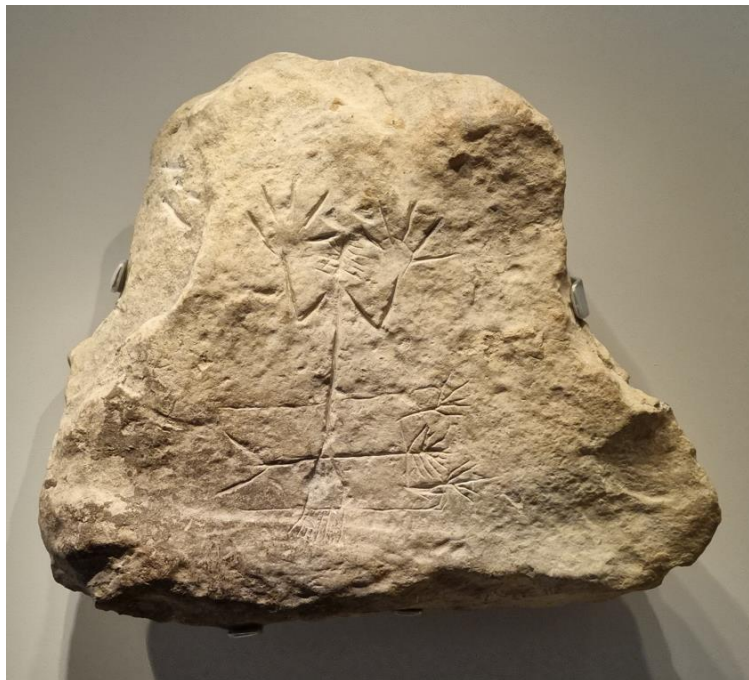
Os diversos objetos de culto encontrados no interior do templo levaram os arqueólogos a concluir que no início, na primeira fase, ainda que as evidências não fossem muito seguras, durante o Bronze Médio, o templo era dedicado a El, o Deus do panteão canaanita. Na segunda fase, no Bronze Tardio, o templo passou a ser dedicado a Baal. E na terceira fase, no Ferro I, quando já se percebe fortemente a influência egípcia, o templo passou a ser dedicado a Baal-Seth (Bourke, 2004; Polcaro *et al.*, 2013). Em síntese, em nosso entender, o templo de Pella pode ser uma espécie de modelo para entender a evolução do culto a Baal em todo Levante, objeto de nossa pesquisa. Portanto, iremos voltar a este sítio mais adiante.

## Os Deuses do tempo<sup>2</sup>

Há cada vez maior convicção por parte da pesquisa moderna quanto à grande influência cultural que a região da Alta Mesopotâmia, sobretudo da Anatólia e do norte da Síria, exerceu sobre a Baixa Mesopotâmia, bem como sobre todo o Levante. De aí a importância de se buscar as raízes da cultura do Levante no norte. E, no nosso interesse específico, de se saber das divindades que ali eram cultuadas e como seu culto migrou para o sul, integrando ou sendo absorvido pelos panteões locais.

É bem compreensível que nas regiões da Alta Mesopotâmia, as principais divindades estivessem ligadas à fertilidade da terra, uma vez que eram regiões de características fortemente agrícolas. Ou seja, regiões que dependiam constantemente da chuva, mas, que como tal, também estavam propensas a inundações, tempestades, raios etc. O Deus mais antigo em textos sumérios responsável pelo tempo (chuva, ventos, raios e trovões) é Iskur. A partir do Bronze Médio, além de nomes pessoais sumérios com o elemento teofórico Iskur, nomes pessoais acádios com o elemento teofórico Hadu, Adad ou Adda começam a aparecer. De aí para frente, os nomes de Hadu/Adad vão se tornando cada vez mais frequentes, superando em larga escala os de Iskur (Schwemer, 2008, p. 121 e p. 130-134; 2001, p. 29-31). Ou seja, ao que parece, Iskur vai aos poucos se fundindo em Hadu/Adad, cujas funções e características, em geral, eram as mesmas.

**Figura 2.** A estela de Arad. Um dos artefatos mais antigos do culto à fertilidade (ciclo da natureza) encontrados em Israel



(Foto: autor. Gentileza do museu de Israel).

<sup>2</sup> Dada à limitação da língua portuguesa por oferecer um único conceito que expresse conjuntamente os fenômenos climáticos (chuva, trovões, raios, tempestades, enchentes etc.), o que em alemão se define por "wetter" (Wettergott), utilizaremos para isto o conceito "tempo", sabendo que "tempo" pode ter diferentes significados na nossa língua. Portanto, "tempo" designa aqui não a cronologia, mas o conjunto dos fenômenos climáticos: chuva, raios, trovões, tempestades, enchentes, nuvens etc.



## O Deus Hadu de Alepo

O Deus Hadu, com algumas variações linguísticas (Haddu, Hadda, Hadad, Addu, Adad), dependendo da região, acabou se tornando o Deus do tempo, especificamente da tempestade, mais importante do Antigo Oriente Próximo. A atestação mais antiga de Hadu se encontra num texto cuneiforme de meados do terceiro milênio AEC na cidade de Ebla, norte da Síria. Ali Hadu aparece entre os Deuses mais importantes do panteão com o nome Hadda, da raiz semita *hdd* (trovejar). “O fato de que a raiz *\*hdd* não é mais utilizada na maioria das línguas semíticas do antigo Oriente Próximo, autoriza-nos a inferir que o nome divino é muito antigo” (Schwemer, 2008, p. 135-136).<sup>3</sup>

O santuário mais importante de Hadu em toda região do que viria a ser a Síria (Aram-Damasco, Ebla etc.) era o templo de Alepo (Halab) (Santos, 2023, p. 43-60,168). Alepo fica cerca de noventa km em linha reta a nordeste de Ugarit (Rash-Shamra). O templo de Hadu, no monte da atual cidade de Alepo, sobreviveu todos os períodos da história do Antigo Oriente Próximo, desde o final do Bronze antigo até a era do Ferro. Mesmo com a troca dos poderes dos impérios de turno, o templo permaneceu inabalável por mais de um milênio. Ali foi encontrada uma estela do Deus Hadu em forma humana e em pé sobre um touro (figura 3), segurando em uma das mãos o raio e noutra o trovão (Gonnella, Khayyata, Kohlmeyer, 2005). Acima da cabeça da imagem se encontra o símbolo do Deus sol, provável influência egípcia. A consorte de Hadu era a Deusa Habatu, que era cultuada em Alepo e em Ebla. A proximidade da importante cidade de Ebla com Alepo, a cerca de 55 km a sudeste em linha reta, fazia destas duas cidades, talvez também Mari, o principal centro de culto a Hadu. Talvez também, via rota comercial, seus maiores centros de propagação. Em Ebla também foi encontrado um sinete com o Deus Hadu, ao lado de um touro sobre um trono (Römer, 2016, p. 109-110).

**Figura 3** – Hadu de Alepo<sup>4</sup> sobre um touro e com o raio e o trovão nas mãos.



Fonte: museu do Louvre (2023)

<sup>3</sup> The fact that the root *\*hdd* is not productive any more in most Semitic languages of the ancient Near East, allows us to infer that the divine name is very old).

<sup>4</sup> Gentileza do museu do Louvre: Disponível em: <https://collections.louvre.fr/en/ark:/53355/cl010120231>. Acesso em: 30 mar. 2024.

Do norte da Síria, o culto a Hadu, na época do Ferro II, expande-se amplamente para a Assíria e Babilônia, sendo assumido por reis, como por exemplo, os reis de Aram-Damasco, Ben-Adad I (885–865), Ben-Adad II/Adadazer (860-843) e Ben-Adad III, filho de Hazael (796-770); e o rei assírio Adadnirari (811-783). Ou seja, Hadu migrou de Alepo para a Assíria e Babilônia sob o nome de Adad ou Addad.

## Hadu e Baal

A Alta Mesopotâmia, entre ela as importantes cidades de Alepo, Ebla e Mari, passou por uma profunda mudança política no fim do império babilônico antigo (1790-1750), quando o domínio amorita na região foi suplantado pelos hurritas (Liverani, 2016, p. 315-340, Schwemer, 2008, p. 158). O Deus do tempo (da tempestade e da chuva etc.) hurrita era Teshub. Ele era o principal deus do panteão hurrita, rei dos deuses, da realeza e da corte. Porém, Hadu continuou sendo cultuado em Alepo e região. Ou seja, com a chegada dos hurritas, que dominaram grande parte das cidades-estado do Levante, e do seu principal Deus, Teshub, Hadu continuou sendo cultuado, praticamente da mesma forma como antes, principalmente no meio popular. Isso se deve, provavelmente, devido a similaridade dos dois Deuses do tempo, Teshub e Hadu. Possivelmente, também, porque o culto a Teshub era mais propriamente da realeza hurrita. Enfim, os templos de Hadu permaneceram como antes, bem como sua imagem, agora ao lado de Teshub.

É neste período, talvez um pouco antes de meados do segundo milênio AEC, por volta de 1600-1500, que começa a surgir na costa Siro-palestinese o culto a Baal ou Baalu, como o Deus do tempo (chuva, da tempestade, da fertilidade etc.). Não só templos a Baal/Baalu começam a surgir na costa do Mediterrâneo, mas também literatura, como testemunham os achados de Ugarit (Schaeffer, 1979; Yon, 2006). O culto a Baal surge com uma forte associação entre Hadu, Teshub e Baalu (Schwemer, 2008, p. 159; Niehr, 2003, p. 13-34). A proximidade de Alepo com Ugarit ajuda a entender a influência que ela, especificamente seu templo, exerceu sobre Ugarit, na costa Siro-palestinese.

## Baal é Hadu

O epíteto *Belu*, *Baal* “senhor”, junto ao nome próprio de um Deus particular é atestado em diferentes Deuses em várias épocas no Antigo Oriente Próximo. O epíteto costuma ser usado como uma forma de abreviação para “senhor de...”, senhor de um topônimo ou senhor dos deuses etc., como no caso de “Bel Marduk”. Portanto, o elemento Baalu encontrado junto ao nome de diferentes divindades, principalmente na Mesopotâmia, deve ser entendido como um epíteto, um qualificativo da divindade em questão, não como nome próprio de um Deus, de um único Deus. Assim sendo, não é correto associar a forma “*Baal*” encontrada em escritos de Ebla, Tell Beydar etc. da Mesopotâmia como precursor do Deus Baal de meados do segundo milênio e início do primeiro milênio AEC na costa Siro-palestinese (Schwemer, 2008, p. 174).

Pelo que se pode determinar nos escritos encontrados em Ugarit, inicialmente o epíteto Baal estava associado a Hadu, como consta em alguns tabletes, nos quais ele é chamado de Hadu (KTU 1.3 IV 27; 1.4 IV 40; 1.4 VII 37; 1.5 I 23; 1.5 IV 5). Com o decorrer do tempo, o epíteto terminaria por substituir o nome da divindade (Soler, 2021, p. 463-464). Ou seja, Hadu passa a ser Baal. E nessa “metamorfose”, Baal passa a ser o Deus mais popular na costa Siro-palestinese, como se pode constatar nos tabletes de Ugarit. Porém, há alguma diferença entre o “antigo” Deus (Hadu) e o “novo” Deus (Baal). A principal característica de Hadu era ser o Deus que controlava as tempestades, as inundações, os raios e os trovões. Muitas vezes entendido como um Deus com poderes destruidores. Nesse sentido, também com

atributos da guerra, característica particularmente explorada pelos reis de turno para suas batalhas. Porém, ainda que também controlasse a chuva, a fertilidade era um atributo bastante secundário de Hadu. Há pouca referência a Hadu como Deus da fertilidade (Soler, 2021, p. 464-465). Em contrapartida, Baal é prioritariamente o Deus da fertilidade, aquele que envia a chuva para regar a terra e garantir a agricultura, aquele que controla o ciclo da chuva e da seca (Lete, 1981). Enfim, como visto, podemos afirmar com relativa segurança que Baal é Hadu.

Portanto, a partir de meados do segundo milênio, com maior intensidade na virada do segundo para o primeiro milênio AEC, percebe-se um intenso desenvolvimento do culto a Baal em toda a costa mediterrânea até o Egito. A título de exemplo da propagação do culto a Baal nesta região, basta observar os títulos que os reis de importantes cidades da costa, como Tiro e Biblos, adotaram. Reis de Tiro: Abibaal (993-981), Baal-Eser I (946-930), Etbaal I (878-847), Baal-Eser II (846-841), Etbaal II (750-739) e Baal I (609-599). Reis de Biblos (como as datas não são precisas, elencamos apenas os nomes): Abibaal, Elibaal, Safatbaal I, Safatbaal II, Safatbaal III e Yeharbaal.

O papel de destaque de Hadu no panteão divino na região norte ajudou a expansão de Baal. O “novo Deus” se desenvolverá nas terras férteis regadas por Hadu. Na região oriental do Levante, Baal manterá mais as características de Hadu, como o Deus da tempestade e das inundações, enquanto que na faixa ocidental, como Deus da fertilidade. Porém, não exclusivamente da fertilidade, pois, como se pode ver nos mitos ugaríticos, Baal também se identificará como o Deus das tempestades, dos raios e dos ventos violentos etc., principalmente quando relacionado ao Monte Safon (Jebel el-Aqra), onde se encontrava sua morada. E, vez por outra, também como o Deus da guerra, porém, com bem menor frequência.

**Figura 4.** Baal de Ugarit



Fonte: Autor<sup>5</sup> (2024).

---

<sup>5</sup> Gentiliza do museu de Israel.



## Baal filho de Dagan e filho de El

Na mitologia ugarítica, Baal aparece como filho de El e Asherah (KTU 1.3 V 35; 1.4 IV 47), pai e mãe dos Deuses. Porém, em outros tabletes Baal também aparece como filho de Dagan (KTU 1.2 I 18-19, 35, 36-37; 1.5 VI 23-24; 1.6 I 6, 51, 52; 1.10 III 14-15; 1.12 II 26; 1.14 II 77-78; IV 170). É possível que esta filiação a ambos os Deuses se deva a fato de que El e Dagan, pertencentes a diferentes panteões, eram conhecidos como os pais dos Deuses. No meio Eufrates, Dagan era associado ao Deus hurrita Kumarbi e ao Deus babilônico Enlil, pais dos Deuses e responsáveis pela entronização dos reis, bem como seus protetores. Ali ele aparece no topo do panteão de Emar (Fleming, 1992). El ou Elu, por sua vez, aparece como Deus rei e pai da geração de Deuses mais jovens (Schwemer, 2008, P. 129, 156).

Em Ugarit foi encontrado um grande templo dedicado a Dagan. Pelo que consta, ali Dagan era mais cultuado como uma divindade do mar, de onde provém seu nome (*dag*: “peixe”)<sup>6</sup>, protetor dos marinheiros. Prova disso são as várias âncoras encontradas em seu templo, depositadas ali pelos marinheiros como oferta por Dagan tê-los salvo das tormentas do mar (Kaefér, 2022, p. 1-19).

Portanto, sendo Dagan e El os pais dos Deuses em diferentes panteões, é compreensível que, dada a importância que Baal adquiriu em Ugarit e região, junto a Dagan e El, ambos fossem considerados os pais de Baal. Além disso, é importante ponderar que há muitos mitos onde Deuses têm dupla paternidade (Ayali-Darshan, 2013, p. 651-657). Enfim, o mais convincente parece ser de que se desenvolveram em Ugarit e região dois mitos paralelos: um de que Baal era filho de Dagan e outro de que Baal era filho de El ou Elu, com a probabilidade de que o primeiro mito fosse mais antigo.

## Seth-Baal

Foram encontrados vários registros, principalmente na costa mediterrânea e no Egito, que relacionam Baal ao Deus egípcio Seth ou vice-versa. Inclusive, algumas vezes Baal aparece com características egípcias. É o caso da famosa estatueta encontrada em Ugarit, na escavação de 1929, por Claude Schaeffer (figura 4). A estatueta foi encontrada no estrato II, o que a situa entre os séculos XV e VIII AEC (Wyatt, 2018, p. 429-430). Ali Baal aparece com o raio e o trovão nas mãos e usando uma coroa egípcia. Ou, então, a estatueta de bronze de Baal sentado sobre o trono, similar a El, encontrada em Hazor em 1996 e onde Baal aparece com vestimentas egípcias (Ornan, 2011, p. 253-280).

Um dos registros mais antigos da costa mediterrânea que relacionam Baal e Seth é o selo de escarapóide encontrado na Sidônia. Este selo contém uma inscrição em hieróglifo que diz: “Sadok-Re, amado de Seth-Baal, Senhor de Lay” (Soler, 2021, p. 461). A datação do selo não é segura. É possível que seja por volta do século XV AEC (Goldwasser, 2006, p. 123). Há certa dúvida quanto à associação de Baal com Seth e Baal com Horus no Egito, que parece ter se dado ao mesmo tempo e de forma similar (Allon, 2007, p. 15-22; Schneider, 2010, p. 405-409). Esta incongruência talvez seja compreensível, se entendido que Baal-Horus estivesse mais associada à religião popular, enquanto Baal-Seth estivesse mais ligada aos círculos da realeza ou vice-versa (Goldwasser, 2006, p. 123; Keel, 1989, p. 243-280). Sílvia Schröer, ao se referir à associação entre Baal e Seth, afirma que “Basicamente, no entanto, Baal, semelhante a El, não é um nome próprio, mas um título que foi associado a um certo Deus pela população local, mas como tal não tornou a identificação visível”<sup>7</sup> (Schröer, 2018 p. 71).

<sup>6</sup> Cf. o relevo encontrado em Nimrud, onde Dagan é representado na forma de peixe.

<sup>7</sup> Grundsätzlich ist aber Baal, ähnlich wie El, kein Eigennamen, sondern ein Titel, der zwar von der lokalen Bevölkerung mit einem bestimmten Gott verbunden wurde, aber als solcher die Identifikation nicht sichtbar werden ließ.

Também em Alalak, na Síria, foi encontrado um selo cilíndrico contendo uma inscrição parecida a de Sidon com a frase: "...Seth-Baal, Señor de..." (Soler, 2021, p. 461). A datação é próxima ao selo de Sidon, talvez um pouco mais tarde, entre os séculos XIII e XII AEC. Alalak fica a oeste de Aleppo, formando com esta, Ebla e Ugarit, uma espécie de retângulo geográfico entre as quatro cidades. Infelizmente o topônimo de onde Seth-Baal é senhor foi danificado. Talvez fosse, Ugarit, Líbano ou Biblos (Soler, 2021, p. 462).

No entanto, a afirmação segura de que Seth é Baal ainda é um debate em aberto (Schneider, 2010, p. 405-409). O problema está na tradução do sinal (hieróglifo) das inscrições que identifica Seth, se este se refere à própria divindade ou se é um epíteto. Porzia (2024, p. 9-10) contesta a afirmação de que Seth é Baal (Allon, 2007). Para Porzia, esta afirmação seria uma criação acadêmica introduzida por Keel e Uehlinger (1992), pois o nome Baal-Seth, às vezes Seth-Baal, não aparece nos selos ou papiros e estelas. O sinal hieróglifo (animal de Seth) que identifica Seth seria um determinativo "sethiano", que precede o nome de Baal, uma espécie de cartão de apresentação para colocar Baal, um Deus estrangeiro, dentro da esfera divina dominada por Seth. Portanto, não seria uma fusão de duas divindades, ou um sincretismo religioso, Baal-Seth, mas somente Baal. A posição de Porzia faz sentido, pois Seth não era um Deus da chuva, já que no Egito as chuvas só atingiam uma faixa do Mediterrâneo. O resto da fertilidade da terra dependia do transborde do rio Nilo, ocasionado pelo derretimento da neve nas montanhas do norte da África.

Enfim, se o argumento de Porzia está correto reforça mais ainda o poder de expansão do culto a Baal em todo o Levante e Egito.

## Baalsamem

Por volta do início do primeiro milênio AEC surge também na região da Fenícia (Sumur, Biblos, Tiro e Qatna) um Deus de nome Baalsamem (Baal do céu). Não é muito claro sua relação com o tempo (chuva, tempestade, inundações, fertilidade etc.). Parece que seus atributos estavam mais relacionados ao cosmos, bem como ao cuidado dos assuntos da realeza, com alguma semelhança ao Deus El.

É difícil saber se Baalsamem é uma extensão do culto a Baal ou se ele é uma extensão do culto a Hadu ou ainda, se é um Deus novo do panteão fenício que só aparece a partir do primeiro milênio AEC. Talvez se poderia, no nível da suposição, traçar uma linha do tempo da seguinte forma: no início estaria o Deus hurrita e hitita Teshob, em seguida Hadu de Aleppo, depois Baal-Hadu, e logo Baal e por fim Baalsamem (Niehr, 2003, p. 11-12 e 84-85; Eissfeldt, 1963, p. 171-198).

No Antigo Oriente Próximo, um Deus do céu é conhecido desde o período do Bronze Antigo, porém não com este nome, Baalsamem. Só a partir do final do primeiro milênio AEC, por volta do século II AEC, é que foi encontrado um templo romano em Palmira dedicado a Baal-Shamen ou Baalsamen. Tudo indica que este Deus é o mesmo Baalsamem fenício. Somente houve uma pequena mudança na consoante final do nome, o "m" final passou para "n"<sup>8</sup> (Niehr, 2003, p. 181-182). Ou seja, o provável é que o culto a Baalsamen migrou perto do final do primeiro milênio AEC da Fenícia para a cidade de Palmira, na Mesopotâmia.

Segundo Niehr, não há evidência de haver havido um culto a Baalsamem em Israel e Judá. O fato de haver um amplo culto a Baal em Israel, Judá e região, não significa que se possa projetar diretamente este culto a Baalsamem. São dois Deuses distintos. O culto às divindades astrais presentes em textos bíblicos, como por exemplo em 2Rs 22-23, não está relacionado a Baalsamem. Da mesma forma, o título "Deus do Céu" dado a Javé, por exemplo, no livro de Esdras, no pós-exílio, não está relacionado a Baalsamem, é provavelmente uma influência da teologia persa (Niehr, 2003, p. 185-205).

---

<sup>8</sup> Em aramaico, de *mem* para *nun*.

Haveria ainda outros qualitativos que Baal passou a receber a partir da sua expansão no Levante que mereciam ser abordados. É o caso, por exemplo, de Baal-Zebub ou Baal-Zebul, que, conforme 2Rs 1,2-6, era cultuado na cidade costeira de Ecron, vizinha de Israel (Frevel, 2023, p. 202-237). Ou de Baal-Berit, que, conforme Jz 8,33; 9,4.46, era cultuado em Siquém (Lewis, 1996, p. 401-423). Porém, isso é assunto para ser aprofundado em outras pesquisas. O que queremos deixar registrado com nossa análise aqui é de que: a) As origens de Baal, enquanto Deus do tempo, devem ser buscadas em Alepo. Ou seja, Baal é a transculturação em Ugarit, Fenícia e região do Deus Hadu de Alepo, primeiro como Baal-Hadu e depois somente Baal; b) As origens de Baal, enquanto unicamente Baal, sem qualitativo, devem ser buscadas em Ugarit, Fenícia e região.

## Baal em Israel e Judá

Como mostrado, a partir de Ugarit e posteriormente em toda a costa do Mediterrâneo, o culto a Baal se expandiu por todo Levante. Reinos como Israel, Judá, Edom, Moab etc. não ficaram isentos. Não é nosso objeto aqui, porém, consideramos ser relevante fazer uma breve menção ao culto de Baal, especificamente em Israel e Judá, a partir dos relatos bíblicos para mostrar a importância que Baal teve dentro do domínio javista.

Uma forma de atestar a antiguidade do culto de Baal em Israel e Judá é atentar para os topônimos (Levin, 2017, p. 203-222). Na Bíblia há várias menções a lugares que carregam o nome de Baal. Vejamos alguns:

Baal-Safon (Ex 14,2. 9; Nm 33,7); Baal-Meon (Nm 32,38; Js 13,17; Jr 48,23; Ez 25,9; 1Cr 5,8), sítio que também é mencionado na estela de Mesa, na linha 9 (KAEFER, 2006, p. 171-172); Baal-Gad (Js 11,17; 12,7; 13,5); Baalah (Js 15,9. 10. 11. 29; 1Cr 13,6); Bealot (Js 15,24; 1Rs 4,16); Baalat-Beer (Js 19,8; 1Chr 4,33); Baalat (Js 19,44; 1Rs 9,18; 2Cr 8,6); Baal-Hermon (Jz 3,3; 1Cr 5,23); Baal-Tamar (Jz 20,33); Baal-Perazim (2Sm 5,20); Baalei-Judá (2Sm 6,2); Baal-Hazor (2Sm 13,23); Baal-Shalishah (2Rs 4,42); Baal-Hamón (Ct 8,11).

Além dos topônimos baalistas encontrados na Bíblia, conforme 1 Rs 16,32, havia também um templo de Baal em Samaria, construído por Acab, que se casara com Jezabel, filha de Etbaal, rei de Sidon. Este Baal costuma ser identificado como sendo o Baal Melcart de Tiro (1 Rs 18). Mas, não só em Samaria, também em Jerusalém, segundo 2Rs 11,18 e 2Cr 23,17, havia um templo de Baal. Enfim, parece-nos que não é necessário entrar em detalhes para demonstrar a popularidade do culto a Baal em Israel e Judá, não só pelos relatos bíblicos, mas também pelo que a arqueologia comprova. É compreensível, portanto, que mesmo em Israel e Judá, Baal foi muito mais popular que o próprio Javé, principalmente em sua fase inicial, como demonstra, por exemplo, o livro de Oseias.

## Conclusão

Na Alta Mesopotâmia, um dos Deuses do tempo mais antigos e populares era Hadu de Alepo. Com a expansão para a Baixa Mesopotâmia, Assíria e Babilônia, já adentrando para a era do Ferro, Hadu vai sofrer algumas variações no nome: Haddu, Hadda, Hadad, Addu, Adad. Por volta de meados do segundo milênio AEC, o culto a Hadu se propaga também para a costa Siro-palestinese, com o epíteto “Baal”, “Baal-Hadu”. O epíteto Baal era comum em diversas divindades do Antigo Oriente Próximo. Ele era usado para designar um qualitativo da divindade, “senhor de...”. Porém, na costa Siro-palestinese o epíteto acabaria por substituir a divindade em si. Ou seja, Hadu passa a ser Baal. O “novo” Deus irá se diferenciar um pouco do “antigo”. Enquanto que Hadu se caracterizava prioritariamente como o Deus das tempestades e inundações, Baal vai se caracterizar prioritariamente como o Deus da fertilidade,

aquele que controla as chuvas, sem, no entanto, deixar de exercer também aquelas. A crescente popularidade de Baal fazem nascer vários mitos acerca dele. Entre estes, de que Baal é filho de dois Deuses diferentes: “filho de El” e “filho de Dagan”. Ambos os “pais” eram as divindades supremas de dois panteões distintos.

A expansão e popularidade de Baal chega até o Egito, onde ele é associado a Seth, como o Deus Seth-Baal ou Baal-Seth. Mas, também, nas importantes cidades litorâneas, por volta dos anos 1000-900 AEC, como Tiro e Biblos, Baal vai recebendo outros epítetos, como é o caso de Baalsamem “Baal do céu”. Da costa da Fenícia, Baal se expande também para a Mesopotâmia, onde, na cidade de Palmira, foi encontrado um templo do século II AEC dedicado a Baalsamen. Baal é cultuado ainda sob outros atributos, Baal-Zebub de Ecron, Baal-Berit de Siquém etc. Enfim, há vastas evidências, tanto literárias quanto arqueológicas, da ampla expansão do culto a Baal em todo o Levante.

Voltando à Pella, assunto com o qual iniciamos esta pesquisa e com o qual queremos encerrá-la. Dizíamos, a partir das informações dos arqueólogos, de que o templo escavado em Pella pertenceu na primeira fase (1800-1450) a El; na segunda fase (1450-1000) a Baal; e na terceira fase (1000-800) a Baal-Seth. Dizíamos também que a dedicação do templo a El, primeira fase, não era muito segura. Dado ao processo de transformação pelo qual passou o culto a Baal no Levante, como temos demonstrado, sugerimos que ao invés de El, na primeira fase, o templo de Pella era dedicado a Hadu. Esta possibilidade se fundamenta no fato de que a mudança de culto de El para Baal não se ajusta, devido às diferentes características dos dois Deuses. Porém, de Hadu para Baal é perfeitamente possível, uma vez que as características de ambos os Deuses são muito similares. Portanto, o templo de Pella, em nosso entender, é uma perfeita ilustração para demonstrar a origem de Baal, como extensão do Deus Hadu, e sua expansão em todo Antigo Oriente Próximo, recebendo novos atributos.

## Referências

- ALLON, Niv. Seth is Baal — Evidence from the Egyptian Script. *JSTOR*, v. 17, p. 15-22, 2007.
- AYALI-DARSHAN, Noga. Baal, Son of Dagan: In Search of Baal's Double Paternity. *Journal of the American Oriental Society*, v. 133, n. 4, p. 651-657, 2013.
- BOURKE, Stephen. Cult and Archaeology at Pella, Jordan. Excavating the Bronze Iron Age Temple Precinct (194-2001). *Journal and Proceedings of the Royal Society of New South Wales*, v. 137, p. 1-31, 2004.
- FLEMING, E. Daniel. *The Installation of Baal's High Priestess at Emar: A Window on Ancient Syrian Religion*. Michigan: Scholars Press, 1992.
- FREVEL, Christian. The Enigma of Baal-Zebub: A New Solution. *Orbis Biblicus et Orientalis*, v. 299. Leuven: Peters Publishers Leuven, p. 202-237, 2023.
- GONNELLA J., KHAYYATA W., KOHLMAYER K.. *Die Zitadelle von Aleppo und der Tempel des Wettergottes - Neue Forschungen und Entdeckungen*. Münster: Rhema, 2005.
- KAEFER, José Ademar. Ugarit - Rash Shamra: sua história. *Caminhando*, v. 27. São Bernardo do Campo: Editeo, p. 1-19, 2022.

KAEFER, José Ademar. *Um Pueblo libre y sin reyes – La función de Gn 49 y Dt 33 en la composición del Pentateuco*. Asociación Bíblica Española / 44. Estella: Editorial Verbo Divino, 2006.

KEEL, O. Zur Identifikation des Falkenköpfigen auf den Skarabäen der ausgehenden 13. und 15. Dynastie. In: O. KEEL, H. KEEL-LAU, and S. SCHRÖER (eds.), *Studien zu den Stempelsiegeln aus Palästina/Israel*, OBO 88. Fribourg/Göttingen, 243–280, 1989.

LETE, Gregorio del Olmo. *Mitos y Leyendas de Canaan Segun la Tradicion de Ugarit*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1981.

LEWIS, Theodore J.. The Identity and Function of El/Baal Berith. *Journal of Biblical Literature*, v. 115, n. 3, p. 401-423, 1996.

LEVIN, Yigal. Baal Worship in Early Israel: An Onomastic View in Light of the “Eshbaal” Inscription from Khirbet Qeiyafa. *A Journal for the study of the northwest semitic languages and literatures*, v. 21, p. 203-222, 2017.

LIVERANI, Mario. *Antigo Oriente – História, Sociedade e Economia* (Trad.: Ivan Esperança Rocha). São Paulo: Edusp, 2016.

NIEHR, Herbert. Baalsamem: Studien zu Herkunft, Geschichte und Rezeptionsgeschichte eines phönizischen Gottes. *Orientalia Lovaniensia analecta*, 123, Louven/Paris, 2003.

ORNAN, Tallay. Let Ba ‘al Be Enthroned”: The Date, Identification, and Function of a Bronze Statue from Hazor. *Journal of Near Eastern Studies*, v. 70, n. 2, p. 253-280, 2011.

POLCARO, Andrea; GONZÁLES-GARCÍA, A. César; BELMONTE, Juan Antonio. *The Orientation of Bronze Age Temple of Pella, Jordan: The dying God of Baal and the Rituals of the Summer of Solstice*. In: Ivan Sprajc; Peter Pehani. *Ancient Cosmologies and Modern Prophets*. Ljubljana: Slovene Anthropological Society, 2013.

PORZIA, Fabio. Religion(s) in Seals - Old and New Challenges. *Near Eastern Archaeology*, v. 87, n. 1, p. 4-13, 2024.

RÖMER, Thomas. *A origem de Javé - O Deus de Israel e seu nome*. São Paulo: Paulus, 2016.

SANTOS, João Batista Ribeiro. *A difusão iconográfica da religião – Iconografia e políticas de guerra e representações visuais na Antiguidade oriental*. São Paulo: Alameda Casa editorial, 2023.

SCHAEFFER, Claude Frédéric-Armand. Ras-Shamra 1929–1979. *Collection Maison de l’Orient (CMO)*, Hors serie n. 3. Lyon: Maison de l’orient Méditerranéen, 1979.

SCHNEIDER, Thomas. A Theophany of Seth-Baal in the Tempest Stele. *Ägypten und Levante/Egypt and the Levant*, v. 20, p. 405–409, 2010.



SCHRÖER, Silvia. *Die Ikonographie Palästinas/Israels und der Alte Orient - Eine Religionsgeschichte in Bildern*. Band 4, Bern: Schwabe Verlag, 2018.

SCHWEMER, Daniel. *Die Wettergottgestalten Mesopotamiens und Nordsyriens im Zeitalter der Keilschriftkulturen. Materialien und Studien nach den schriftlichen Quellen*. Wiesbaden: Harrassowitz, 2001.

SCHWEMER, Daniel. *The Storm-gods of the Ancient Near East: Summary, synthesis, recent studies*. New York, Leiden: Brill, 2008.

SOLER, S. Los orígenes del sincretismo Seth-Baal. Seth y la tormenta según los clasificadores de los Textos de los Sarcófagos del Reino Medio. *Monographica Orientalia*, Barcino, v. 16, p. 461-475, 2021.

YON, Marguerite. *The City of Ugarit at Tell Ras Shamra*. Winona Lake: Eisenbrauns, 2006.

WYATT, Nicolas. The Baal au Foudre stela and its historical context. *Ugarit-Forschungen*, v. 49. Münster: Ugarit-Verlag, p. 429-430, 2018.

---

RECEBIDO: 10/04/2024  
APROVADO: 21/10/2024

RECEIVED: 04/10/2024  
APPROVED: 10/21/2024